

PRESENTAZIONE

Nel 125° di fondazione del primo, in ordine temporale, dei tre istituti di vita consacrata nella Famiglia Scalabriniana e a 50 anni dal Concilio Vaticano II sono ritornate impellenti la ricerca della genuinità del carisma e la riflessione sulla necessità di un costante aggiornamento, di una *Traditio* da consegnare alle nuove vocazioni che il Signore ci invia da tante parti del mondo perché migranti e rifugiati non siano lasciati soli.

L'esigenza di una più approfondita conoscenza del carisma e la gratitudine verso i primi missionari e suore che hanno accolto dalle mani del Fondatore il dono dello Spirito Santo e lo hanno tradotto nella vita è ciò che emerge con commozione dal contributo di sr. Maria do Carmo dos Santos Golçalves.

Un carisma che esercita ancora il suo fascino: ce lo mostra il contributo di Claudia Morales Almonte, proveniente da una nazione da cui partono, in cui transitano e verso cui sono deportati moltissimi migranti. In questo contesto ecco la testimonianza di una giovane che ci comunica i suoi passi sulla via della consacrazione secolare.

P. Giovanni Terragni propone una relazione sul carisma di fondazione, tenuta ad un gruppo di missionari attivi in Europa. Ci presenta due sfide: una *ad intra* della Congregazione stessa, divenuta comunità interculturale, ed una *ad extra*, derivante dai veloci cambiamenti del fenomeno migratorio rispetto al passato.

Abbiamo ricevuto «un carisma di bruciante attualità», come ricordava p. Luigi Favero, di fronte al quale «a noi è richiesto un esodo e una conversione permanente per amare e servire i migranti con il “cuore” di Scalabrini».

In questo lavoro di approfondimento a partire dal «vissuto» è prezioso il contributo di ciascuno nella Famiglia Scalabriniana. Approfittiamo per ricordare a tutti la necessità di inviarci testi di riflessione, testimonianze e preghiere legate alla *Traditio* Scalabriniana per poterli condividere con tutti coloro che cercano ispirazione dalla visione profetica del Beato G.B. Scalabrini.

Buscando as raízes da acolhida A caridade nas palavras e ações de João Batista Scalabrini

Ir. Maria do Carmo dos Santos Golçalves, mscs

A necessidade e a urgência de aprofundarmos elementos específicos de nossa espiritualidade scalabriniana convida-nos a um desinstalar-se do comum das tarefas cotidianas para uma aproximação desse poço de água viva e abundante, no qual, além de inclinarmo-nos, devemos dedicar o tempo para nos deter e beber de sua água. Isso é possível na medida em que acolhemos, em nosso coração, o fato de que «o dom do Espírito dado a Scalabrini continua vivo naqueles que o Senhor chama a dele participar»¹. Este chamado à participação no carisma coloca-nos diante da responsabilidade de caminhar, buscando em cada passo o reflexo desse dom, no empenho de torná-lo visível na espiritualidade e missão.

No exercício de uma maior aproximação do poço da espiritualidade scalabriniana, nesta reflexão, inclinamos nosso olhar sobre uma das dimensões que perpassa o elemento específico da acolhida: a virtude da caridade. Esta foi uma constante nas palavras e ações de Scalabrini e nele buscamos a motivação para continuar o nosso caminho.

A caridade, compreendida como amor-ágape, possui uma finalidade última que permeia a vida de todo ser humano: a plenitude em Deus. Em sua primeira encíclica o Papa Bento XVI salientou que o amor é expressão de êxtase, «não no sentido de um instante de inebriamento, mas como caminho, como êxodo permanente do eu fechado em si mesmo para sua libertação no dom de si e, precisamente dessa forma, para o reencontro de si mesmo, mais ainda para a descoberta de Deus»². O êxodo compreende a disposição permanente de sair ao encontro do amor de Deus e, ao mesmo tempo, do outro. Esse caminho, Scalabrini o sintetizou na imagem da escada de Jacó (Gen 28,10-22), representada em seu brasão episcopal. Cristo, encarnando-se, torna-se a escada, o caminho pelo qual empreendemos nosso êxodo. A unidade a Cristo, amor encarnado, torna-se o ponto fundamental que determina a acolhida como expressão da caridade e fruto de nossa participação no amor de Deus. São Gregório remete à mesma imagem quando faz a leitura da experiência de São Paulo, «que foi arrebatado para as alturas até os maiores mistérios de Deus e precisamente dessa forma, quando desce, é capaz de fazer-se tudo para todos»³.

A caridade, dom de Deus

«Deus é caridade e quanto mais uma alma for unida a Deus, tanto mais existe nela a plenitude de caridade»⁴. Portanto, pode-se dizer que a caridade, antes de tudo, é dom de Deus, fruto da unidade no amor a Cristo, que vive em nós por meio de seu Espírito que é também de caridade⁵.

Deus é essencialmente caridade. Quem a vive está em Deus e Deus nele, porque Deus e a caridade são uma e a mesma coisa. Quem permanece na caridade abre espaço para que Deus fixe morada em sua vida, permanecendo em Deus e Deus nele. A caridade nos assemelha a Cristo, impelindo-nos a retratar em nosso ser seus traços, até nos «tornar outras cópias suas»⁶. Junto com a humildade, com a pobreza, com o sacrifício, a caridade é uma das disposições interiores da qual não podemos nos subtrair de modo algum se quisermos nos assemelhar a Cristo.

¹ *Traditio Scalabriniana* (Junho 2005), n. 2.

² BENTO XVI, Encíclica *Deus Caritas Est* (DCE), 2005, n. 6.

³ *Ibidem*, n. 7.

⁴ CONGREGAÇÕES SCALABRINIANAS – MISSIONÁRIOS E MISSIONÁRIAS DE S. CARLOS, *Scalabrini uma Voz Atual*, Loyola, São Paulo 1989, 145.

⁵ Cf. *Ibidem*, 14.

⁶ *Ibidem*, 16.

De acordo com Scalabrin, é este mesmo Cristo que na cruz acende em nós o amor, que sintetiza toda a nossa existência, que nos impulsiona com «doce violência a amar mais e a sacrificar-se pela sua glória e pela salvação de nossos irmãos»⁷. A caridade de Cristo nos impulsiona, é uma força motriz que imprime um traço particular em nosso modo de ser e agir na Igreja e no mundo.

Contemplando o derradeiro e supremo gesto de amor de Cristo, que se doa totalmente na cruz por nós, um amor tão abundante e incondicional que excede toda e qualquer medida, Scalabrin coloca como meta a caridade, que nunca diz basta. Jesus consome sua vida numa atitude admirável, de excessiva caridade. Scalabrin fala do excesso da caridade de Cristo. A medida do amor de Deus excede na cruz a medida do homem. E mais, o amor, imolado em sacrifício, torna-se pão e vinho na Eucaristia, passando a dilatar o horizonte da caridade cristã. *Dilatare*, (aumentar o volume de) é outra expressão empregada por Scalabrin, para sublinhar o ponto chave da entrega de Jesus. A dilatação, a ampliação, o alargamento que o amor de Cristo impõe ao nosso modo de amar, desafiamos a aumentar nossa medida, no horizonte da caridade.

Afirmava que a caridade, que ardia no peito de Jesus, o animava e o impulsionava, cadenciando sua vida no ritmo do bater de um coração totalmente entregue à vontade de Deus.

«A caridade lhe faz parecer tudo suave e leve. Não segue senão os impulsos do próprio coração. Cada palavra sua é uma misericórdia, cada passo seu, um conforto, cada ação sua, uma providência, cada prodígio, uma graça. Em toda parte o vemos cercado de pobres, de enfermos, de publicanos, de ternas crianças. São estes os seus amigos mais queridos e derrama sobre todos as suas bênçãos e a todos consola»⁸.

No pensar de Scalabrin, Jesus, ao revestir-se de nossa humanidade, experimenta em si mesmo as aflições, as misérias, os sofrimentos daqueles que ama profundamente. Seu coração se perturba, gime, aflige-se e se mostra solícito em tolher a angústia, em enxugar as lágrimas, em adoçar a amargura, em remover todas as causas de desolação⁹.

A caridade, como um dom de unidade a Cristo, não é uma teoria que se possa conceber por argumento lógico, mas toca profundamente nossa vida, nossa relação com Deus e, consequentemente, com o outro que sofre. É força motriz que mobiliza nossa energia, forças, disposições, dentro de uma dinâmica de gratuidade. «A união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele se entrega»¹⁰.

Da mesma forma, é pela caridade que a própria Igreja, extensão da encarnação de Cristo, encontra sua unidade, dado que sua vocação é o amor. Amar é a essência de sua vida e a caridade é o vínculo que garante a unidade da Igreja, Corpo de Cristo, e contribui para curar os males que a afligem.

«Um vínculo maravilhoso une todas as suas partes e este vínculo é a caridade: ai de quem o rompe! Ela ama, eis a sua vida. Feita para o homem, ela penetra todas as instituições, orienta e abençoa todos os progressos, compadece-se e corrige todos os erros, prepara ao arrependimento, dispõe à emenda, glorifica o retorno a Deus»¹¹.

A caridade é ainda «o nobre cimento da sociedade cristã. É a grande lei de atração, que aperfeiçoa e confirma o amor mútuo que devemos aos nossos irmãos, que dá ao coração humano a solidez e a elasticidade, enchendo-o de força, de compaixão e de misericórdia»¹². Outrossim, a caridade é o caminho de unidade pois é o «vínculo da perfeição, alma da alma, germe e fundamento de toda virtude cristã»¹³.

⁷ *Ibidem*, 17.

⁸ *Ibidem*, 87.

⁹ Cf. *Ibidem*, 87.

¹⁰ DCE; n.14.

¹¹ *Scalabrin uma voz atual*, 125.

¹² *Ibidem*, 111.

¹³ *Ibidem*, 218.

A caridade, «filha do céu»

Scalabrini, mais de uma vez, atribui à caridade essa qualidade de filha, cidadã do céu, indicando-a como um distintivo do cristão e característica que torna credível ao mundo nossa ação e missão. Ele afirma que na missão, pregando a verdade com a caridade, se dissiparão muitos pré-juízos, também onde não é acolhida a palavra do missionário e faz compreender, também, aos que não tem fé, que nele encontra um irmão sobre a terra, porque existe um Pai comum no céu¹⁴. Nesse sentido, ele viu no exercício e no reconhecimento das novas expressões de caridade, surgidas em seu tempo, um grande sinal da presença de Deus e de esperança no mundo, que se transformava rapidamente diante de seus olhos:

«De minha parte tenho grande, ilimitada confiança no exercício da caridade, quando reflito sobre os graves males que afigem a sociedade e a Igreja, e uma nuvem de tristeza me comove, até as lágrimas, conforta-me a esperança [...]. Espero, espero muito que retorne logo a serenidade, que o céu sorria aos nossos desejos, porque o exercício da caridade, não é esquecido; porque sob vários aspectos, a caridade se difunde em nosso século e o invade todo, o domina, o senhoreia»¹⁵.

Contudo, mesmo reconhecendo as inúmeras iniciativas caritativas que socorriam o povo pobre e humilhado pela miséria, como um grande sinal da presença de Deus na sociedade, Scalabrini distingue a caridade, «filha do céu» de outras iniciativas de ajuda ao próximo. A caridade se distingue da filantropia e da beneficência. A filantropia é definida, por ele, como a «ajuda estabelecida em favor do pobre, em base aos princípios humanitários de igualdade». A beneficência «é a ajuda prestada aos infelizes, ao reflexo da necessidade e da utilidade pública, para suprir o aspecto aflitivo da miséria e a ocasião de inevitáveis desordens da sociedade». Ambas são belas, diz ele, mas «a caridade é a mais bela», é a verdadeira «filha do céu», pois possui os princípios da filantropia, e os fins da beneficência e, sobretudo, somente ela caracteriza-se como ação movida pelo desejo de «socorrer no homem, a imagem mesma de Deus»¹⁶.

Prestar socorro indica um estado de alerta e vigilância de quem tem os olhos fixos nas necessidades do outro, vendo-o com os olhos de Cristo e dar-lhe muito mais do que as coisas externamente necessárias: dar-lhe o olhar de amor de que ele precisa¹⁷. Portanto, só a caridade é heroica, ou seja, nos faz mais uma vez exceder, dilatar a ação humana: «Ela tem uma iniciativa inexaurível, não procura recompensa, afronta e remove dificuldades; encontra nelas uma razão de atração, compraz-se com o sacrifício, nunca esmorece»¹⁸.

A caridade, vivificação da fé

A caridade exige testemunho, sem o qual não seria caridade. É a vivificação da fé: «Não seja a vossa, uma fé estéril, uma fé morta, mas vivificada pela caridade, que é seguida do nobre cortejo das outras virtudes e obras de bem»¹⁹. Scalabrini aponta a vivência da caridade como fio condutor da vida de oração, das relações fraternas, comunitárias e sociais. A verdade se transforma em caridade, sinal de que a Palavra produziu em nós frutos:

«A Palavra de Deus deve fazer de nós, cristãos de coração e de obras! Então deve primeiramente, transformar-se em afeto. Devemos não só entender a verdade, mas devemos amá-la e não só amá-la, mas também praticá-la. A verdade se transforma em caridade, como

¹⁴ Cf. *Ibidem*, 88.

¹⁵ *Ibidem*, 89.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, 89.

¹⁷ Cf. DCE, n. 18.

¹⁸ *Scalabrini uma voz atual*, 90.

¹⁹ *Ibidem*, 84.

ensina o Apóstolo. O sinal que a palavra divina produziu em nós o seu fruto, são as obras, porque se a fé, sem a caridade é morta, a caridade, sem as obras não é caridade»²⁰.

Se a caridade é a maior de todas as virtudes é a oração que sintetiza em si todas as virtudes²¹. A meditação de modo especial é o húmus que nutre a caridade. «Convencei-vos de que a caridade cresce e se nutre de meditação. Na meditação, disse o Profeta, ‘acende-me um fogo’ e isto diga-se sobretudo da caridade do sacerdote»²².

A experiência da caridade, dom e fruto da unidade a Cristo, traz consigo aquilo que Scalabrini identifica como «fadiga». De certa forma, a fadiga oriunda da caridade não é aniquilamento, mas exercício no qual ‘moemos’, ‘trituramos’ aquilo que nos afasta do plano de Deus, extraíndo aquela unidade apontada por Scalabrini, que nos conduz ao caminho da perfeição no amor. Antes de significar sinal de fraqueza, limitação, fonte de infelicidade, a fadiga deve ser amada: «Onde existe amor, não existe cansaço, mas se houver cansaço, mesmo este é amado, com caridade e zelo se pensa em tudo, tudo se tenta e se cultiva, sucedem-se realizações, a cujo sustento e incremento é infalível a promessa de Deus»²³.

Considerando a caridade como mãe e mestra de todas as virtudes, Scalabrini constantemente encorajava a todos a testemunhá-la, não como uma postura externa, mas como essência, modo de ser, configurado a Cristo. Assim como não media, ou poupava energias, no desejo de fazer o bem a todos quantos dele precisassem de socorro material ou espiritual, exortava, com palavras e com a vida, os fiéis, os sacerdotes, as religiosas a fazerem o mesmo: «Sede anjos de paz, irmãos desejáveis, operários intrépidos; confortai com o vosso zelo e diligência, os pobres, as crianças, os órfãos, as viúvas, os enfermos, os moribundos, de tal modo que a caridade e a solicitude paterna dos pastores resplandeçam de luz, sempre mais viva»²⁴.

Esse itinerário de encontro com o outro, para Scalabrini, deveria ser assumido com as entranhas de terníssima caridade para com os mais necessitados²⁵ e de forma tão cuidadosa que chega a tocar fibra por fibra do coração, até chegar àquele ponto onde vibra o amor de Deus e onde ocorre o verdadeiro encontro humano. Nas adversidades devia-se combater «como fortes, mas sempre com caridade»²⁶.

«Levai vossa mão ao santuário do coração: perpassai uma a uma, todas as fibras. Encontrareis também a fibra do amor. Tocaia-a com a cortesia, que é irmã da caridade; aquela fibra se moverá, e tereis conquistado uma alma imortal e curvado um novo coração ao cetro da verdade. [...] Na escola de Jesus Cristo, combater e vencer, é amar. Amor é triunfo; o ódio derrota»²⁷.

A caridade como apostolado ganha os contornos da urgência dada pela necessidade daquele que demanda nosso socorro: «Portanto, correi a ela, apóstolos da caridade; que o vosso ministério seja de salvação, a vossa palavra, água que sacia a sede, pão que nutre, luz que afugente as trevas, remédio que cura»²⁸.

Scalabrini, com toda sua vivacidade, exorta a sermos ardentes na vivência da caridade porque «a caridade tudo crê, tudo espera, tudo suporta» (1Cor 13,7). O zelo com o qual devemos viver a caridade remete à chama que produz muito calor, exprime um coração tomado de paixão por Jesus Cristo e pela humanidade. Abraçar com fervor a caridade implica abandonar a vaidade e as

²⁰ *Ibidem*, 226.

²¹ Cf. *Ibidem*, 54.

²² *Ibidem*, 174.

²³ *Ibidem*, 259.

²⁴ *Ibidem*, 165.

²⁵ Cf. *Ibidem*, 165.

²⁶ *Ibidem*, 201.

²⁷ *Ibidem*, 201.

²⁸ *Ibidem*, 169.

seduções do mundo e caminhar firmes nas vias do Senhor, caminho que exige humildade, mansidão, paciência, justiça, temperança. Contudo, devemos perseguir esse vínculo conscientes de que toda a nossa caridade é como a mó ardente, ou seja, que pelo seu estado de imperfeição somente quebra o grão, sem poder tritura-lo. A única mó capaz de triturar o grão por inteiro é a caridade encarnada em Cristo, feito Pão para nós.

A caridade, mais generosa e mais pura, é apontada por Scalabriní como veículo de transformação que leva à santidade, como traço fundamental dos santos que em vida eram animados por uma caridade viva²⁹, «caráter das grandes almas»³⁰.

Por fim a caridade deve ser «senhora e árbitro de nosso coração»:

«A caridade, esta cidadã descida do céu, entre nós, para aproximar os corações, mitigar as fadigas, reerguer os ânimos abatidos, tornar felizes, com as alegrias mais puras, as famílias desventuradas, o mais belo dom que Deus podia fazer à criatura. A caridade torna o jugo suave, e leve o peso da lei e da vida; espalha alguma flor no difícil caminho do exílio; é o bálsamo para tantas chagas, o refriégrio para tantos corações. A caridade, unida ao maior e primeiro preceito do amor de Deus, encaminha-nos, pobres peregrinos, à conquista daquela pátria, à entrada do paraíso, a fé e a esperança nos deixarão e onde só ela, a caridade, entrará, para ali reinar. A caridade, a grande lei do cristianismo, deve resplandecer sobre nossa fronte e ser árbitro e senhora do nosso coração»³¹.

Migrante com os migrantes

Sobretudo, acompanhar os migrantes tornou-se para Scalabriní a grande expressão de caridade por ele vivida e compartilhada.

«[...] há poucos meses abençoava o primeiro grupo dos generosos, que abraçando a pobreza de Cristo, abandonando tudo o que tinham de mais querido no mundo, voavam ansiosos em socorro de nossos compatriotas migrantes, para além do Oceano. Hoje se renova aquele comovente espetáculo. O palpitar do coração, confesso-vos, parece-me que se tornou, pela fé, mais vigoroso e forte. A infinita caridade de Deus me abre o peito, sublima minha mente, à vista e no desejo do apostolado e apertando ao peito a cruz de ouro do Bispo, docemente quase me queixo com Jesus, que me tenha negado um dia, a Cruz de madeira do missionário e não posso deixar de vos expressar, ó jovens Apóstolos de Cristo, a mais alta veneração, de sentir uma santa inveja de vós»³².

O comovente relato de Scalabriní desvela a centralidade da caridade em sua vida e torna-se um apelo para vivê-la na missão junto aos migrantes. Somos herdeiros deste dom recebido, um apostolado fadigoso que nos exige sempre uma postura alerta, combatente, vigorosa e ao mesmo tempo suave e terna.

«O dom do Espírito dado a Scalabriní continua vivo naqueles que o Senhor chama a dele participar. A fidelidade criativa a este dom fez desabrochar uma espiritualidade que tem suas origens em Scalabriní e no carisma que o Senhor deu, através dele, à Igreja para o mundo da mobilidade humana»

(Texto base da *Traditio Scalabriniana*, 2).

²⁹ Cf. *Ibidem*, 78-79.

³⁰ *Ibidem*, 125.

³¹ *Ibidem*, 126.

³² *Ibidem*, 433-434.

Fedeltà creativa al carisma del Fondatore

P. Giovanni Terragni, cs

Inizio questa nostra breve riflessione nel ricordo del nostro Fondatore, mons. G.B. Scalabrini, a cui Dio ha dato un particolare carisma nella Chiesa per l'assistenza dei migranti (*Carisma del Fondatore*). A lui accostiamo anche i suoi primi collaboratori che con lui hanno condiviso generosamente l'ideale missionario nel mondo della mobilità umana e che, con lui, costituiscono il *Carisma di Fondazione*. Un ricordo riconoscente va anche a tutti i confratelli che ci hanno preceduto e che hanno fedelmente tramandato, fino ai nostri giorni, il carisma originario (*Carisma di Istituto*).

Come scalabriniani, nella Chiesa, ci viene riconosciuta una nostra peculiare identità carismatica che ci contraddistingue da tutti gli altri istituti religiosi; quasi un «unicum», costituito dal patrimonio carismatico lasciatoci in eredità dal Fondatore e trasmesso dai confratelli e, che, a nostra volta, dobbiamo trasmettere alle nuove generazioni scalabriniane.

Il card. Bausa, arcivescovo di Firenze, nominato dalla S. Sede «protettore» del nostro istituto, in occasione dell'introduzione dei voti perpetui nel 1894, scriveva a mons. Scalabrini: «...Questa perpetuità mette il nuovo istituto fra le grandi creazioni della Chiesa»³³. La congregazione scalabriniana, per quanto numericamente modesta, è giustamente annoverata «tra le grandi creazioni della Chiesa».

Attualmente la congregazione dei Missionari di S. Carlo conta più di 700 religiosi, operanti in 34 nazioni. Il suo fine operativo, nel corso degli anni, si è ampliato, abbracciando i migranti di ogni nazionalità (cf. Capitolo 1969-1972).

Oggi, si presentano alla congregazione scalabriniana due grandi sfide che esigono un'attenta e intelligente analisi e riflessione da parte di tutti.

La prima sfida è «ad intra». L'arrivo e l'inserimento provvidenziale nella congregazione di confratelli provenienti da diverse etnie e culture ha evidenziato la necessità di ritrovare come centro unificante l'ispirazione carismatica originaria trasmessaci dal Fondatore, la sola capace di dare coesione e unità (non uniformità!) all'intero corpo congregazionale scalabriniano. La situazione di eterogeneità e di diversità porta con sé elementi di novità e di arricchimento culturale reciproco, ma anche il pericolo di possibili frammentazioni e di chiusure pseudonazionalistiche, tanto deleterie per la vita in fraternità fondata su valori religiosi. È perciò di fondamentale importanza ritrovare «il centro di unità gravitazionale» del nostro carisma che si incarna nella persona del nostro Fondatore. È necessario mantenere vivo il senso di identità carismatica che ci fa sentire «famiglia» e ci spinge ad adempiere fedelmente nella Chiesa la missione che lo Spirito, attraverso il Fondatore, ci ha assegnato a beneficio dei fratelli migranti. Diventa perciò prioritario per tutti noi e in particolare per i formatori, riscoprire e trasmettere il valore del carisma originario (Fondatore e patrimonio carismatico) che è alla base della nostra identità.

La seconda sfida è «ad extra». Il contesto e i processi migratori, in questi anni, sono velocemente cambiati rispetto al passato. Ci accorgiamo che, in molti casi, è necessario rileggere con nuovi occhi il fatto migratorio ed adeguare ad esso il metodo pastorale. In questa situazione di cambiamenti e di novità, che tocca anche la nostra stessa congregazione, il XIV Capitolo generale ha stilato alcune linee guida per il prossimo sessennio, sintetizzate in due vocaboli: «identità e rinnovamento».

³³ A. BAUSA, Lettera a Scalabrini, Firenze, 27.12.1894, AGS / BA 02, 19, 13.

Scrive l'attuale Superiore generale, P. Sandro Gazzola, nell'introduzione al Documento finale del XIV Capitolo generale:

«...Il Documento capitolare costituisce il programma che accompagnerà il cammino della nostra congregazione nel prossimo sessennio. Dovrà, pertanto, essere punto di riferimento anche per i progetti missionari delle province/regioni, nonché per le comunità locali... Ma l'identità è una realtà dinamica... I segni dei tempi, che vanno dalla situazione interna del personale in fase di "ricambio generazionale", etnico e culturale, alle dinamiche delle migrazioni sempre in continua e velocissima evoluzione, chiedono e quasi costringono a trovare e sperimentare forme di rinnovamento. È il cammino stesso della vita e della incarnazione della fede, ma non è un cammino scontato. Non è facile né automatico riformulare, anzitutto nelle nostre coscenze, una modalità nuova di vedere, analizzare, progettare il nostro essere e il nostro operare.

Questa, credo, sarà la grande sfida che ci attende. Le tre coordinate "significatività, esemplarità e specificità" proposte dal Capitolo di per sé sono molto esigenti. A noi il compito di non annacquarne il significato e la conversione che ci viene richiesta»³⁴.

Significatività, esemplarità e specificità sono, dunque, i tre criteri che dovranno "ridefinire" le nostre presenze.

Significatività. Interpella la nostra missione laddove il bisogno è più acuto e dove, in base alle nostre possibilità effettive, possiamo dare di più: tiene desta l'attenzione verso le nuove sfide; aiuta a coniugare impegno diretto con i migranti e sensibilizzazione delle Chiese e delle società locali; privilegia coloro che più acutamente vivono il dramma delle migrazioni (RdV 5) nei centri urbani, nelle posizioni di frontiera e nei porti.

Esemplarità. Gli interventi pastorali nelle migrazioni coinvolgono una molteplicità di attori, a livello ecclesiale e civile. Il nostro servizio, allora, deve diventare sempre più esemplare ed organico, evitando la dispersione. Nello stesso tempo, l'esemplarità preserva dalla presunzione di potere o dovere risolvere tutti i problemi legati al fenomeno migratorio, e, tenendo conto delle nostre reali forze e competenze, porta a preferire la qualità delle presenze alla quantità degli interventi.

Specificità. Impegnati come religiosi nel campo delle migrazioni, dobbiamo privilegiare le posizioni che manifestano le ragioni più profonde della nostra missione a favore dei migranti e della comunione tra i popoli. Porta a cercare *ad intra* il mutuo arricchimento tra missione e vita religiosa, la cooperazione tra province/regioni e direzione generale, la condivisione dei beni, l'animazione vocazionale e le sinergie a livello interprovinciale, mentre *ad extra* sollecita a diventare ponte tra comunità migranti ed autoctone e a collaborare con altri attori impegnati nel campo delle migrazioni»³⁵.

La congregazione scalabriniana, in questi 125 anni, ha cercato di rappresentare, nel mondo dei migranti, dei marittimi e dei rifugiati, il volto della Chiesa-popolo di Dio, in cui «nessuno è straniero»³⁶, e di testimoniare che «essa non è straniera a nessun uomo e in nessun luogo»³⁷. Questo è il fine carismatico proprio e identificativo della nostra congregazione.

Mons. G.B. Scalabrini ci ha trasmesso un «carisma di bruciante attualità»³⁸ la cui finalità è quella di

«...dare la sua impronta a questo grande movimento sociale, a questa arcana potenza che agita i popoli e li spinge verso l'unità... Ha una bella e nobile missione da compiere... provvedendo prima all'incolumità della fede, alla sua propagazione e alla salvezza delle anime... smussando gli angoli delle singole nazionalità, temperando le lotte di interessi delle diverse patrie, armonizzando, in una parola, la varietà delle origini nella pacificatrice unità della fede»³⁹.

Scriveva p. Luigi Favero in una sua lettera ai confratelli nel 1994:

³⁴ XIV Capitolo Generale, *Documento finale*.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ GIOVANNI PAOLO II, Messaggio per la giornata mondiale dei migranti e dei rifugiati, 1996.

³⁷ *Ibidem*.

³⁸ Definizione data da p. Luigi Favero, Superiore generale dal 1992 al 2000.

³⁹ G.B. SCALABRINI, *Memoriale Pro emigratis catholicis*, 1905.

«...Non dobbiamo dimenticare che non qualunque amore o servizio ai migranti conforma la vocazione scalabriniana nella Chiesa ma solo quello che traduce qui ed oggi l’ispirazione carismatica originale del Fondatore. A noi è richiesto un esodo e una conversione permanente per amare e servire i migranti con il “cuore” di Scalabrini e fedeli alla sua intuizione, che sola ha ricevuto il sigillo dello Spirito. Sarebbe pura arroganza volervi sostituire le nostre “intuizioni” (o deliri) tanto personali che comunitari. La perdita di contatto con il carisma fondazionale significherebbe la rottura della coesione e dell’unità di vita, la perdita dell’identità e del senso del nostro servizio nella Chiesa»⁴⁰.

La nostra congregazione, come qualsiasi organismo vivente, nella sua ultracentenaria storia, ha vissuto momenti di eroicità e di rinascita assieme a momenti di regresso e di declino, tanto da correre il rischio dell'estinzione. Tutte queste fasi alterne nella vita dei singoli religiosi e della stessa istituzione, hanno avuto un comune denominatore riconducibile alla fedeltà o all’oblio del nostro patrimonio istituzionale originario e del carisma del Fondatore (persona, intuizioni, vita e spiritualità). L’essersi allontanati da questi centri propulsori e vitalizzanti ha portato il nostro istituto al punto di essere definitivamente soppresso. E viceversa. Il ritrovato riferimento all’ispirazione originaria del Fondatore, in modo particolare nel 1934, ha portato ad una rinnovata fioritura ideale, operativa e istituzionale.

Il pericolo di trascurare e di allontanarci dalla fonte ispiratrice originaria rimane sempre dietro l’angolo, ancor più oggi in cui è palese e manifesta la novità all’interno della congregazione per la crescente differenziazione etnica e culturale dei suoi membri, provenienti da tutti i continenti. Se si vuole guardare al futuro con speranza e fiducia e per non ricadere negli errori del passato, il costante riferimento alla persona e al carisma del Fondatore diventa *conditio sine qua non* per mantenere viva e operante l’unione e fraternità tra i confratelli.

Tutti noi e, in modo particolare, chi ha responsabilità istituzionali alla guida della congregazione e delle singole province, siamo chiamati a vivere la fedeltà creativa al patrimonio carismatico lasciatoci in eredità dal Fondatore. L’arrivo di confratelli provenienti da paesi nuovi alla tradizione scalabriniana, Messico, Colombia, Filippine, Haiti, Indonesia, Vietnam, Paraguay, Guatemala, Ecuador, Congo ecc., segna una nuova pentecoste nella congregazione scalabriniana ed è soprattutto motivo di gioia e di speranza per tutti.

Il card. Maffei, arcivescovo di Pisa, in occasione della posa del busto marmoreo di Scalabrini nella Chiesa di S. Carlo al Corso, nel 1912, scriveva a p. Vicentini, Superiore generale:

«...Si innalzi dalla comune riconoscenza e dalla pubblica ammirazione un monumento al vostro venerato Fondatore: ma il monumento vivo lo faranno i suoi figli che nel loro cuore continueranno i palpiti che, nel loro Padre, furono accesi dalla più santa carità».

A noi tutti l’impegno di conservare e far rivivere, con fedeltà creativa, lo spirito del Fondatore!

«*Solo una spiritualità specifica, come vita che fa spazio all’azione dello Spirito Santo nella concretezza dei contesti quotidiani, può rivestire di profezia la nostra presenza nella Chiesa e nel mondo e donare vitalità alla nostra missione con e per i migranti nelle Chiese locali.*»

(Testo-base della *Traditio Scalabriniana*, 1)

⁴⁰ L. FAVERO, *Lettere ai confratelli (novembre 1992-giugno 2000)*, Direzione Generale dei Missionari Scalabriniani, Roma 2001, 30.

Su comunión abierta a todos

Claudia Morales Almonte, mss

Recuerdo mi primer viaje de Stuttgart a México. Después de un tiempo de formación en Alemania, estaba regresando a México para continuar ahí la misión con mi comunidad. El viaje era largo, pasaron varias horas de vuelo hasta que finalmente el avión se preparó para aterrizar. Mientras empezaba a descender experimentaba en el corazón una alegría tan grande, tanta gratitud por el amor que llegó a mi vida y que me hizo seguirlo dejándolo todo. Una vida que, como una semilla, cae en la tierra, y ahí, en la profundidad y oscuridad, muere para dar paso a la vida nueva, la vida del Hijo (cf. Jn 12,24).

Esta imagen me hace pensar en nuestra consagración secular que nos envía al mundo que «Dios tanto ama...» (Jn 3,16) y que nos lleva, de hecho, a compartir la vida ordinaria de muchos, de los migrantes y jóvenes, allá en donde más se experimentan las divisiones y barreras, en las fronteras de las distintas culturas y mentalidades. En este camino, vivir la dimensión de la secularidad no significa simplemente estar presentes en una realidad con un trabajo o un encargo particular: el envío misionero alude al don de poder participar a la misión del Hijo el cual desea continuar, en el mundo, su encarnación que se extiende en la Eucaristía y quiere pasar también a través de nosotros.

Conocí a las misioneras seculares scalabrinianas durante una misa para jóvenes universitarios, cerca de la UNAM (Universidad Nacional Autónoma de México), cuando empezaba la carrera de ingeniería en computación. Como para muchos estudiantes, la universidad fue un tiempo muy importante en mi vida, un lugar que poco a poco abría mi mundo y me ponía delante de tantas ideologías llenas de contrastes, que me pedían asumir una posición, por ejemplo en la huelga que empezaba ese año. En ese mismo periodo mi familia sufrió un grave accidente automovilístico, que nos puso en la frontera entre la vida y la muerte. Fue un momento de crisis para todos, para mi mamá, mis cuatro hermanos y yo, era difícil pensar en un futuro pues no sabíamos si mi papá iba a recuperarse. Experimentar la muerte tan de cerca nos hizo darnos cuenta que la vida es un regalo y que Dios nos daba la posibilidad de un inicio nuevo. Era como un renacer.

Recibí la fe católica en mi familia, aunque después de la primera comunión no volví a interesarme en practicarla. Durante la universidad me unía a las tantas críticas contra la Iglesia, muchas veces por ignorancia. Justo en ese momento recibí la invitación de un amigo para participar a un encuentro de jóvenes y después a la misa universitaria: éste fue el primer paso a una gran novedad. En una de las celebraciones anunciaron un curso para la confirmación y así, sin haberlo pensado, el día siguiente empezaba la preparación con otros jóvenes. Ese fue un tiempo muy especial, crecía en mí una alegría tan grande, muy diferente a la que había experimentado. Nacía dentro de mí un asombro delante del amor infinito y gratuito de Dios, que me amaba antes de que me diera cuenta, que me pensaba antes de que existiera. A través de los acontecimientos sencillos del cotidiano se manifestaba en mi vida un Dios personal y cercano. Las personas que encontraba, mis amigos, me preguntaban porqué siempre estaba tan contenta. Yo tampoco lo entendía bien, era algo que venía más allá de mí, como un fuego que quemaba dentro.

Un día, delante del Crucifijo, le preguntaba a Él: «Tú diste la vida por mí ¿qué puedo darte yo?». No sabía como responder a ese amor que me interpelaba y continuamente le repetía a Jesús esta pregunta. Delante de su amor me sentía tan pequeña. Empecé a ir de misiones a las comunidades indígenas y participaba en diferentes grupos de la Iglesia. Quería ayudar a las personas y me involucraba en tantas iniciativas, pero me parecía que todo era poco, era como dar sólo 'pedazos' de mi vida, de mi tiempo; el hacer tantas cosas ya no era la respuesta. Mientras tanto seguía estudiando, pero llevaba conmigo tantas cosas que me cuestionaban; con cada persona que encontraba mi corazón se dilataba para escuchar, buscando respuestas para mi vida.

Una de esas respuestas la encontré cuando fui con otros jóvenes a la Estación Migratoria de la Ciudad de México, acompañados de algunas misioneras seculares scalabrinianas. Éste es un lugar de detención adonde son llevados los migrantes extranjeros sin documentos, detenidos en el intento de atravesar el país para alcanzar su meta: Estados Unidos. Muchos de los que son asegurados provienen de Centroamérica: Guatemala, Honduras, El Salvador,... pero hay también de América del Sur, sobre todo de Ecuador. Algunos llegan de otros continentes, por ejemplo de Asia y África: China, Sri Lanka, India, Nigeria, Kenia, Somalia.

Vivimos ese momento de una forma muy sencilla, no preparamos grandes cosas, bastaba estar presentes, en el silencio, en la escucha, dejando pasar aquella mirada nueva capaz de regenerar al otro, que da fuerza para seguir adelante y que llena el corazón de alegría. El idioma no fue un obstáculo para comunicarnos, para recibir reciprocamente un testimonio de fe y esperanza, una profunda acogida, y sobre todo para reconocer en el otro, especialmente en quien es extranjero, a un hermano, más aún al Hijo de Dios hecho extranjero (cf. Mt 25,35).

Este encuentro fue muy importante para mí. Me interpelaba el valor de tantos migrantes –niños, mujeres y hombres– que arriesgando la vida, despojados de toda seguridad, pertenencia, identidad, aprenden a poner sus raíces en lo alto, descubren en Dios el único tesoro que perdura.

Encontrar su amor en mi vida, la perla preciosa que vale más que todo (cf. Mt 13,45), me pedía ofrecerle una vida totalmente disponible, entregarme completamente a Él: Jesús crucificado y resucitado. Y así, con la alegría de seguirlo, me puse también en camino, migrante con los migrantes, siguiendo los pasos de Jesús. Poco a poco descubría que cada cosa que se deja por Él es un encontrar y que cada sufrimiento pequeño o grande vivido con Él abre a una vida más grande. Viví un tiempo de mi formación inicial en Alemania, después en la Ciudad de México. Podría decir que en este tiempo he recorrido el mundo a través de las personas que han cruzado mis pasos, y que además me han revelado el rostro de nuestro Dios trinidad, de su amor único e irrepetible manifestado en la diversidad de cada persona, de cada pueblo. La diversidad de culturas que se entrelazan en mi comunidad y entre los migrantes, es el laboratorio donde juntos podemos aprender a vivir relaciones nuevas –de fraternidad, diálogo y reconciliación–, a derrumbar las fronteras que hay fuera y dentro de nosotros, que nos impiden encontrarnos verdaderamente como personas. Constato que la diversidad de cada uno es de estimarse y acogerse, es preciosa porque es una parte necesaria «del todo», del Cuerpo de Cristo que se está formando.

Pronuncié los votos de pobreza, castidad y obediencia y recibí mi primer envío misionero en la comunidad de México. Así empezaron, en tierra mexicana, los primeros pasos de un sí que, en cada situación y cultura, puede abrir espacio al proyecto del Padre, a la vida de su Hijo Jesús que transforma el mundo desde adentro. Pocos días después, de forma providencial, recibí una propuesta para dar clases en la Facultad de Ingeniería de la UNAM. Se abría la posibilidad de estar entre los jóvenes para caminar juntos y atravesar los desafíos que presenta el mundo de hoy, con sus criterios de eficiencia, de competitividad, de un individualismo que no deja espacio para nadie más, de un utilitarismo y un consumismo de las cosas y de las personas, y sobre todo de un nihilismo que le roba el sentido a la vida. Una presencia que trata de intervenir viviendo con criterios diferentes, los criterios del evangelio, y que busca mantener vivos los grandes sueños que los jóvenes tienen para sí y para todos.

Cada clase en la universidad es un espacio para aprender y crecer juntos, para construir partiendo de la aportación que cada uno puede dar, pero sobre todo para dejar que el Espíritu nos done la conciencia del amor auténtico e infinito de Dios que no se cansa de buscarnos y regalarnos sus dones en abundancia. Me doy cuenta que es importante estar en la ‘frontera’, ser *puente* que permita vivir relaciones sinceras y abiertas al diálogo, que saben acoger al otro, descubriendo la corresponsabilidad por cada persona del mundo. Para mí esto no es sólo un trabajo, es el lugar donde vivo mi consagración, donde encuentro al Dios vivo presente en medio de esta realidad. No

es una presencia individual la mía, sino que es toda una comunidad que con Él vive esta experiencia, que comparte, que busca. En cada paso, en cada intento que me lleva más allá de mis posibilidades, se abre el camino de la fe que derrumba todos nuestros 'imposibles'. Cada encuentro es una ocasión para dejar que la sed más profunda del corazón –que va más allá de una profesión, de un trabajo– nos abra a la grandeza de la vida y descubrir juntos la realidad en la que «vivimos, nos movemos y existimos» (cf. Hch 17,28).

Tengo una gratitud muy grande por la oportunidad de ir a la Estación Migratoria, donde he podido acompañar, con las demás misioneras, a otros jóvenes mexicanos en esta experiencia. Así me he dado cuenta de como el encuentro con los migrantes pueda ser una ocasión que despierta en los jóvenes las preguntas más profundas. La posibilidad de participar en la vida del 'otro', aun en lo pequeño, nos hace darnos cuenta de estar en camino con la humanidad, de ser parte de una familia universal, y nos permite ampliar nuestros horizontes al mundo.

Cada vez es un encuentro nuevo, no podemos acostumbrarnos. Sabemos que cuando un migrante llega a este lugar, donde se prepara su expulsión, su sueño se ve desmoronado y su mirada tiene tantas interrogantes: «*¿Qué me espera? ¿Cuál será mi futuro? ¿Cómo pagar los empréstitos que hice para poder viajar? ¿Qué será de mi familia? ¿Cómo le haré para intentar el viaje de nuevo?*». Y detrás de todo eso pasan por su memoria las imágenes de tantas situaciones vividas durante el viaje. Muchas veces los migrantes comparten con nosotros y con los jóvenes su experiencia, nos comunican que Dios es su Compañero inseparable de camino: «*siempre nos ha dado la fortaleza, para dejar la familia y durante el viaje; la fuerza de seguir caminando y de tener esperanza, también ahora, en esta situación*».

En este lugar hay una continua rotación de migrantes, aunque hay personas que debido a su situación permanecen ahí por más tiempo. Es el caso de Alberto, un joven guatemalteco, que por varios meses encontramos en el área de los heridos y con quien nació una amistad. Se encontraba ahí en silla de ruedas después de haber sido dado de alta del hospital. No podía caminar: su pierna derecha estaba muy lastimada y además le amputaron su brazo derecho. Sus compañeros de área nos contaron que Alberto, como muchos otros migrantes, subió a «la bestia», un tren de carga que recorre el país desde el sur hasta el norte pasando por varios estados de la República. En el intento de ayudar a un niño que estaba cayendo del tren, y que lamentablemente no pudo salvar, él cayó también y quedó herido. Durante nuestras visitas Alberto se veía deprimido, pensativo. Su mirada y su rostro cansado nos hablaban de una persona adulta, marcada por el peso de lo que vivió. Participaba en silencio a todos los momentos que compartíamos juntos, pero cuando poníamos la música cantaba con nosotros. Su sensibilidad lo hacía sufrir también por lo que le pasaba a sus compañeros. Se notaba que todo lo hacía reflexionar.

Hace poco tiempo compartimos un mensaje con todos los que estaban presentes sirviéndonos de una imagen. Esto nos ayuda a ir más allá de la barrera lingüística. Era la imagen del alfarero, presentada en el libro del profeta Jeremías (Jr 18,4-6). Junto con ellos buscamos el sentido de esta imagen y así nacieron varias reflexiones: «*Él alfarero usa todo el barro para darle forma a un recipiente, una escultura, un florero... no desecha nada; si algo no le sale bien, lo rehace, reintentándolo muchas veces. No se pierde nada en sus manos, valora todo*». «*Dios Padre es como un alfarero que no descarta nada de nuestra vida. Se sirve de todo lo que nos pasa, de lo bueno y de lo malo, para formarnos y transformarnos siempre*». «*Dios nunca se cansa, con paciencia plasma su obra que somos nosotros. Lo importante es entregarnos en sus manos y confiarnos en Él: una vida nueva está naciendo en cada situación y momento...*».

En ese momento Alberto intervino diciendo: «*No entendí bien*». Nos pidió que repitieramos otra vez la última frase. En seguida añadió: «*Tal vez, para mí, significa que Dios me está formando otra vez... Ya lo hizo cuando nací; ahora tengo 20 años, aunque parezco tener 40... y a pesar de lo que pasó me doy cuenta de que Dios me está rehaciendo de nuevo... gracias a Él ahora estoy*

empezando a caminar de nuevo, algo que me parecía imposible. Ahora tengo más esperanza, confianza...». Sus ojos se volvieron luminosos y con una sonrisa en el rostro continuó: «Nosotros somos lo que somos, somos imperfectos, pecadores... Leemos la Biblia y no siempre vivimos lo que está escrito... pero en esa Palabra encontramos nuestra realidad... nos dice quienes somos».

Saliendo de la Estación Migratoria ha continuado a acompañarnos la experiencia de Alberto, que ahora también nos pertenece a nosotras y a los jóvenes que participaron y pudieron escuchar estas palabras. Algunos de ellos nos dijeron que fue una provocación, un gran estímulo para mantener vivo el don de la fe, dejando que entre en la vida, en las experiencias cotidianas, como nos testimonian los migrantes. De ellos se aprende el valor de afrontar tantos riesgos por un futuro diferente para ellos mismo y su familia, superando las fronteras del miedo personal con la esperanza de que algo nuevo y positivo pueda abrirse para todos y para el mundo.

Encuentros así suscitan muchas preguntas sobre la injusticia, el sufrimiento, la presencia de Dios en los acontecimientos de la vida y de la historia, la contribución que cada uno puede dar para que algo cambie... Estas preguntas no se conforman con respuestas fáciles, pero tal vez con los migrantes encontramos una indicación importante, un camino a recorrer. Profundizar y alimentar el don de la fe nos permite cambiar, volvemos colaboradores del proyecto de Dios, aprendiendo a empezar de nuevo y caminar, para mover cualquier sistema cerrado en sí mismo y derribar, desde adentro, los muros y centros de detención en nosotros y fuera de nosotros.

Pronto partiré de nuevo e iré a Stuttgart (Alemania) para seguir caminando, también allá, con mi comunidad misionera. Pensando en mi historia, me doy cuenta de cuanto el Señor está cerca de quien lo busca y de como ha guiado cada uno de mis pasos hacia el encuentro con Él, regalándome su comunión abierta a todos.

«Enviados para anunciar el amor universal del Padre y para servir, nuestro peregrinar comporta una constante emigración de nosotros mismos hacia el otro...»

(Texto base de la *Traditio scalabriniana*, 5).